

CONFERÊNCIAS

ASPECTOS DE CASTRO ALVES (*).

NELSON ABEL DE ALMEIDA

Do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

Nesta hora, quando, atendendo honroso convite do em'nente Diretor desta Faculdade — o Professor Wieslau Eustachio Ignatowski — venho, temerariamente, ocupar esta tribuna, em outros tempos enobrecida por mestres ilustres que ajudaram a dar corpo e alma à esta conceituada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, insensivelmente se me fecham os olhos e o meu pensamento recua ao ano de 1925 ou 1926, quem sabe lá. E' que, naquele tempo tão distante para os que me ouvem, e tão próximo para mim, muitas e muitas vêzes embarquei em uma canôa a motor, com um tio, Pedro Zamprogno, encarregado de explorar uma estrada de ferro que iria seguir na direção de Nova Venécia e atingir São Mateus, embarquei em uma canoa motor, repito, decendo magestoso Rio Doce, que ainda aí está, até chegar à foz do Rio Pancas e, enveredando por êle, a dentro, ia alcançar o abarracamento, situado à margem dêste último rio. Naturalmente, que o tempo decorrido fêz diluir, na minha memória, o nome do abarracamento e, entretanto, é bem possível que aquêle ponto de descanso e pousada, de outros tempos, seja hoje vila, ou cidade em franca ascensão para o progresso.

Também, ainda estão bem vivos, na memória, os quadros da inauguração, pelo Presidente Florentino Avidos, da ponte que aí está, construída para ligar Colatina à outra margem do Rio Doce, onde hoje está São Silvano, ou antes ligar Colatina a todo o norte do Estado, para o que seria construída uma estrada de ferro que, naqueles tempos de antanho, ninguém falava em estrada para automóvel, em

(*). — Palestra proferida na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Colatina (ES), a convite do diretor do estabelecimento, constituindo uma das palestras da Semana de Ciências Humanas, realizada de 13 a 18 de setembro de 1971 (*Nota da Redação*).

estrada de rodagem, e muito menos em estrada asfaltada. E ainda estou bem lembrado do baile comemorativo, realizado ali, no salão nobre do edifício da Prefeitura Municipal, e do regresso à Vitória, madrugada alta, em trem especial da Estrada de Ferro Vitória a Minas, da qual era meu pai — o Engenheiro Ceciliano Abel de Almeida — o Superintendente e o Chefe do Tráfego.

Tudo isso recorro agora, e o faço enternecidamente. E vejo, afinal, que naquele dia longínquo, o jovem de vinte e um anos não pensara em que, quase meio século após, Colatina teria a sua Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e que êle, o jovem, viria até ela para, no ano de 1971, que é o ano do centenário da morte de Castro Alves e o ano do cinquentenário de Colatina, proferir uma palestra para outros jovens, palestra esta que vai subordinada ao título — *Aspectos de Castro Alves*. Que cessem, pois, as recordações e os devaneios.

A década de quarenta, no século XIX, é pródiga e dadivosa para o Brasil. Nela, viram a luz do dia, nesta Pátria bondosa, vultos extraordinários e, dentre muitos, podem, rapidamente, ser citados Luiz Guimarães Júnior, o poeta fluminense que nos deixou “Visita à Casa Paterna”; Carlos de Laet, poeta, jornalista e filósofo; Luiz Felipe Saldanha da Gama, Almirante ilustre da Marinha Brasileira; Bernardino de Campos, eminente estadista de São Paulo; Rui Barbosa, cultura universal, representante brasileiro na Conferência de Haia, evangelizador da República; a Princesa Isabel, mais tarde chamada de “Redentora” por ter sancionada a Lei Áurea.

Naquela mesma década de quarenta, no século XIX, também nasceu, no dia 14 de março de 1847, um menino, na Fazenda Cabeceiras, que ficava sete léguas distante de Curralinho, antiga freguesia de Muritiba, da comarca de Cachoeira, do Estado da Bahia. Este menino que recebeu, na pia batismal, o nome de Antônio Frederico de Castro Alves, era filho do Dr. Antônio José Alves e de D. Clélia Brasília da Silva Castro.

E’ bem possível que os contemporâneos daquele garoto, dentre os quais estão José de Alencar, Francisco Otaviano, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Rui e quantos outros, não vislumbassem a projeção que o seu nome alcançaria no futuro, projeção esta que Austregesilo de Ataíde registra afirmando —

“um século passado sobre a morte de Castro Alves não diminuiu o encanto que o seu nome tem sobre os jovens. E’ entre êles que ainda se encontram os seus mais fervorosos admiradores”.

E é o mesmo homem de letras que, continuando a falar de jovens e poesia, acentua —

“e quando peço que cite os poetas de sua preferência, quase sempre começam com Castro Alves. Menos porque tenha sido o cantor dos escravos ou porque passe em seus versos constantemente o sopro vivo da liberdade, mas porque há neles o lirismo desenvolvido e quantas vêzes nebulosas que a mocidade sente sem compreender. Pois os poemas de Castro Alves são para ser escutados pela musicalidade e pouco reclamam da inteligência”.

E certo é que

“cem anos depois da morte, a sua fama é cada vez maior, embora como acontece a tantos dos escritores, as obras sejam cada vez menos lidas. E’ este o sinal da consagração: respeitar e amar o poeta, achá-lo formidável, sabendo apenas os títulos dos livros, ou um ou outro verso dos que jazem gravados na memória popular”,

para afinal concluir o eminente acadêmico —

“cem anos depois de morto, Castro Alves é um nome que cresce sempre, e esta a glória que fica, eleva, honra e consola...”.

Castro Alves fez o seu curso primário em Muritiba e Cachoeiro preparando-se para o Curso de Humanidades, que seria feito em Salvador, no Ginásio Baiano, de Abílio Cesar Borges, preceptor eminente retratado no romance *O Ateneu*, de Raul Pompéia, como o “Aristarco”, que é o modelo fiel dos diretores de colégios da época, em toda a sua imponência e austeridade.

Com quinze anos de idade, portanto em 1862, como era comum ao tempo, faz os preparatórios de Direito e ingressa na tradicional Faculdade de Recife em 1864, ao tempo da Guerra do Paraguai.

Agora iniciar-se-ia a ascensão do condor para a glória; de ora diante, até a sua morte, e porque não dizer, até os nossos dias, a influência daquele menino, nascido em uma fazenda do interior baiano, seria incontestável no cenário brasileiro eis que viveu êle, em toda a plenitude, as idéias liberais de sua época, deixando-se empolgar por um problema social — a Abolição — que começava a ser sacudido pelo entusiasmo e pela energia da mocidade brasileira de então, não sendo de mais acrescentar que, como poeta do século passado, teve os seus versos musicados e cantados, seja nas serenatas, seja nos salões elegantes, nos anos que se lhe seguiram.

O instante em que Castro Alves chega à Faculdade de Direito está marcado, no Brasil, pelos jovens, seus contemporâneos e condiscípulos que formam, sem dúvida, um colar de pedras preciosas do mais fino quilate, despidas de qualquer jaça por mínima que seja, jovens que deixaram uma esteira de glória e influência nesta pátria

imensa e cujos nomes são repetidos, por nós outros, com respeito e veneração. Aquêles jovens, quando chegou a sua hora, não desertaram as suas responsabilidades e investiram a história nacional, ajudando a construir o Segundo Reinado e a chegar à República. E foram êles Tobias Barreto, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Rui Barbosa.

Aquêles tempo, prenúncio de novos tempos, os jovens se empojavam pelo amor, aproveitavam as suas noites vadias nos teatros, conviviam com atores e atrizes renomados. Natural era que o acadêmico Castro Alves não fôsse uma exceção. E o inevitável acontece, porque, por volta de 1863 ou 1864, o *Poeta dos Escravos* vai conhecer Eugênia Infante da Câmara, portuguesa de nascimento, chegada ao Brasil em 1857 e dez anos mais velha que o acadêmico flamejante.

De início Eugênia vivia com o ator Luiz Candido Furtado Coelho, de cuja união houve uma filha, Emília.

Entretanto, quando Castro Alves se aproxima de Eugênia Câmara está ela companheira de um rico guarda livros, Veríssimo Chaves.

Mas dizem que “o amor é cego” e, por isso mesmo não vê fronteiras e não olha idades e, então Castro Alves e Eugênia Câmara amaram-se de verdade e de tal forma que, para Edson Carneiro, ela, Eugênia foi

“a benção e a desgraça de Castro Alves”,

enquanto que, para Jorge Amado, foi ela

“a paixão que esvairou e matou o maior poeta das Américas”,

acabando por traí-lo e expulsá-lo do lar.

Para Eugênia Câmara, o poeta incomparável escrevera, especialmente, o drama *Gonzaga ou a Revolução de Minas*, que ela representara em Salvador, em 1867, quando da passagem de ambos para o sul.

No Rio de Janeiro, ainda que rapidamente, mantém contátos com Machado de Assis e José de Alencar visitando-os. Sentiram êles, de imediato, o talento poético do jovem baiano.

O Curso Jurídico Castro Alves o conclui em São Paulo, onde chega em março de 1868, matriculando-se no terceiro ano, chamando logo a atenção dos colegas, dentre os quais se incluíam Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Rui Barbosa, já anteriormente referidos.

Estava, entretanto, escrito que Castro Alves não exerceria a profissão de advogado. Dip'omar-se-ia em Ciências Jurídicas e Sociais como tanta gente por aí, ainda hoje, o faz, que no Brasil de antanho, como no de hoje, o título de “doutor” é uma recomendação, embora

já se vá diluindo, tal mentalidade, face à implantação da era tecnológica.

Mestre Afrânio Peixoto, em suas Noções de História da Literatura Brasileira, acentua que

“também a literatura tem as suas revoluções. A maior revolução literária do mundo foi o Romantismo. Já o definiram “Revolução Francesa das letras”. Acentua isso uma tendência e uma limitação de sentido”.

Castro Alves viveu na época do Romantismo e a viveu intensamente. E sem dúvida aqueles brasileiros, que viveram naqueles tempos idos, foram os anunciadores de uma nova era, de novos tempos, de novas idéias, de dias novos. E bem cumpriram os seus destinos tendo, por isso mesmo, bem marcados os seus lugares na história política, social, literária e artística do Brasil.

Praza aos céus que, no futuro, possam os pósteros dizer o mesmo dos jovens de hoje, que estão lutando por uma nova ordem, por novos canones, por uma nova ética, por novos princípios. Não me cumpre julgá-los e nem o quero fazer. Parece-me ainda cedo para tarefa tão vultosa.

Com o Romantismo exaltou-se o culto ao que era brasileiro, ao que era nacional, tanto que

“o símbolo do Brasil foi um selvagem nú, de arco e flecha, empenado e rude e antropófago, apenas para contrariar as nossas origens européias”,

é o que mostra Afrânio Peixoto. E o mesmo escritor insiste que

“no povo, esse culto ao selvagem nacional chega ao repúdio de nome próprio de família, para adotar apelidos indianos, que eram brasileiros: Francisco José Gomes Brandão, à portuguesa, chama-se de ora avante, Francisco Gé Acayaba de Montezuma, à nacional, à americana; é o Visconde de Jequitinhonha, grande parlamentar e político, um dos autores da Independência”.

E aqueles jovens, imbuídos do nôvo sentido da literatura universal e do espírito do Romantismo, sofreram a interdependência da literatura e da política;

“êstes jovens contaminados da literatura, padeciam de *Weltschmerz*, o “mal ou a dor do século”, marcados pelo destino com uma fatalidade trágica. Literatura homicida essa que matava aos vinte anos Franco de Sá, aos vinte e um anos Álvares de Azevedo, aos

vinte e três Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, Dutra e Melo, aos vinte e quatro Castro Alves, aos trinta e três Martins Pena, aos trinta e quatro Fagundes Varela, aos trinta e oito Laurindo Rabelo, aos quarenta e um Gonçalves Dias. Essas "almas sensíveis" não eram dêste mundo. Se para alguns, imitando a Byron, a orgia era intelectual, como para Álvares de Azevedo, para outros, chegando à realidade de Edgar Poe e Alfred de Musset, era bem alcoolismo êsse mal de Fagundes Varela. Como Baudelaire tomava *haschich*, Junqueira Freire comera cânfora. A tuberculose, doença romantica, matava a Casimiro de Abreu, Castro Alves, Gonçalves Dias. Do *spleen*, o tédio romântico de Byron, padeceu e morreu aos vinte e um anos, Álvares de Azevedo. As idéias sociais, caras ao Romantismo, tiveram seus corifeus. Encontram-se ecos liberais em José Bonifácio, o moço, e Pedro Luiz, românticos precursores de Castro Alves, poeta votado à causa da Abolição dos Escravos e à Proclamação da República. José de Alencar, ministro, fecha um mercado de carne humana, e escreve o drama abolicionista *Mãe*. Bernardo Guimarães, o romancista, escreve a *Escrava Isaura*".

E', assim, o tempo do Romantismo, quando os poetas, filósofos e escritores levam, ao povo as suas idéias disputando-lhe as preferências.

Na poesia, além de outros, avultam Tobias Barreto e Castro Alves. Para Ronald de Carvalho, Tobias Barreto foi, como poeta,

"um dispersivo porventura genial", "a sua poesia não exprime na sua inteira pujança as qualidades intellectuais do pensador sergipano; sente-se que ela era como que um brinco das suas poderosas faculdades de investigador e de crítico, de polemista e improvisador como raramente tivemos outro igual. Apesar de mais correto que Castro Alves, e mau grado a infinita superioridade de sua cultura polimorfa e profunda, não o sobrepujou como poeta".

O povo, em sua alta sabedoria e acerto de seu julgamento, entendeu de atribuir a Castro Alves, e não a Tobias Barreto, seu émulo, real e merecida supremacia.

Hoje, quando os anos se amontoaram uns sôbre os outros, sente-se que Castro Alves não era senhor, apenas de poder verbal mas dono também de amação indiscutível e indiscutida, daí porque é êle considerado

"um dos maiores creadores de symbolos, não só da nossa, senão ainda das letras portugêsas...".

Se Castro Alves elevava sua voz

“para reivindicar direitos dos oprimidos, como em *Vozes d’Africa* e no *Navio Negreiro*, para estigmatizar tiranias inglórias, como em *Pedro Ivo* e no *Meeting do Comité do Pão*, ou para descrever as durezas de certos preconceitos sociais, como em *Ashaverus e o Gênio*, sua musa era bem um *incêndio em marcha*, para usar uma expressão de Michelet”.

E nem poderia deixar de ser assim, eis que, ao tempo, a Pátria seria sacudida por uma guerra, o mundo experimentaria transformações e a Monarquia Brasileira iria sentir os efeitos e as conseqüências dessas transformações, dentre as quais estava o conceito de *trabalho* que, com a propaganda da Abolição, no após guerra, modificaria a face da sociedade brasileira.

Daí porque

“os seus gritos convulsos (de Castro Alves) em favor do negro escravizado deram a nota de gradiese e uma questão que se arrastava na oratória algo convencional do parlamento. Ele a alçou ao nível das campanhas libertárias. Fê-la uma luta de impulsos bravios. Clamou contra os dominadores de uma situação de deliquescência. Pintou, com as cores mais negras, o tráfico”.

Essas são as observações de Nelson Werneck Sodré em *História da Literatura Brasileira*.

E continua o mesmo autor —

“nada é vulgar em Castro Alves. Nas suas evoluções há rugidos de leão e tristezas presagas. Só o gênio teria o condão de manter-se como ele se manteve, permanentemente, em tão elevadas latitudes, sem descair um só instante do grandioso e do sublime. Demais Castro Alves não era apenas uma alma sensível e um poeta prodigioso; mais do que isso, era uma soberba crença que, aos vinte anos, incendiava o país com a chama de seus versos. Era um espetáculo como a inteligência nunca havia assistido e não assistiria jamais. Exceção prodigiosa, ele aliava à grandiosidade da sua poesia a grandeza de sua vida, pondo os seus impetos desordenados, a sua febre altruísta, a sua generosa paixão a serviço da raça perdida e despresada”.

E ele tem momentos de imprecação, quando brada:

Senhor Deus dos Desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se é mentira... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!...
O’ mar, porque não apagas

Com a esponja de tuas vagas
De teu manto êste borrão?
Astros! noite! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão...

Mas, o seu gênio poético vai mais longe quando, sentindo os elementos desencadeados, exclama:

A queimada! A queimada é uma fornalha!
Ruiva, espuma o tapir!
A corça e o tigre — naufragos do medo —
E às vezes sôbre o cume de um rochedo
Vão trêmulos se unir!

Castro Alves, só agora, ao ensejo da passagem do primeiro centenário de sua morte, 6 de julho do corrente ano de 1971, está merecendo, de historiadores e homens de letras, pesquisas e estudos.

E o resultado é que, pela imprensa, são revelados fatos e ocorrências, até bem pouco tempo desconhecidos de nós outros.

Assim é que, em julho último, pela reportagem do *Jornal do Brasil*, prestigioso órgão do jornalismo carioca, em um ponto qualquer da Tijuca, no Rio de Janeiro, foi localizada modesta professora aposentada — D. Alzira Gonçalves — neta de Castro Alves.

Está ela, atualmente, com 74 anos. E por que D. Alzira Gonçalves é neta do poeta inigualável? Porque, como era comum e natural, àquê tempo, os acadêmicos perdiam-se em amores, e apaixonavam-se, e sofriam a incompreensão de seus familiares, enoçados de preconceitos sociais.

Embora morresse em estado de solteiro Castro Alves, em seu tempo, amou à uma jovem costureira que passava os seus dias costurando batinas. Para a época, uma costureirinha não seria a espôsa desejada para um poeta, e um poeta do porte de Castro Alves. E ocorre ainda que Castro Alves desaparecera antes de nascer o fruto daquele amor, por sinal uma menina que se chamaria Maria, Maria Gonçalves, quando deveria ter o sobrenome de Alves. E Maria cresceu, constituiu família e trouxe ao mundo uma outra menina — Alzira —, hoje a Professora Aposentada Alzira Gonçalves, para quem Antônio Castro Alves não é seu avô, eis que não deu o seu nome à sua mãe, Maria, como também nada deu à sua avó, culpa que, a meu ver, não deve ser atribuída ao poeta, desaparecido antes do nascimento de sua filha.

E mais — D. Alzira — sem razão em seu ressentimento para com o autor de *O Navio Negreiro*, não acha nada agradável ser neta de um poeta, tanto mais que ela preferiria ser neta de um homem.

Assim é a vida. Quantos, por aí, não se envaideceriam de serem descendentes do extraordinário enquanto D. Alzira, sem procurar entender o tempo em que viveu seu notável avô, sem procurar entender os preconceitos de outros tempos, esquecendo-se de que quando nasceu sua avó, o poeta já não existia, D. Alzira diz à reportagem —

“durante 74 anos eu procurei viver sem o nome dêle. Gosto muito de vocês, mas acho isso que estão fazendo uma crueldade. Quero paz. Não gosto de poesias. Castro Alves não é meu poeta preferido. Nem meu avô. Não quero que seja. É uma questão de princípios. Não quero meu retrato nos jornais. Se me procurarem eu desminto que seja neta dêle. Defendo êsse direito enquanto viver. Vivo para o meu filho, que tem pai e tem nome e não foi esquecido”.

E o bisneto de Castro Alves é professor, com cursos feitos no exterior.

Além de Eugênia Câmara e desta jovem costureirinha outros amores teve o poeta, embora, como registra Fernando Segismundo, em *Jornal de Letras* — julho 1971, êsses amores não tenham sido tão numerosos como os de Gonçalves Dias ou os de Olavo Bilac, o que se deve à sua vida que foi curta, 24 anos apenas. Mas, ao contrário de outros, Castro Alves amou intensamente, apaixonadamente, realisticamente.

Presume-se que onze vultos femininos tenham passado pela vida do poeta, tenham feito estremecer seu coração. Delas recebeu, êle, inspiração para seus versos e, em troca, as imortalizou com as suas poesias.

Com os seus amores Castro Alves colheu alegrias imensas; pelos seus amores o poeta muito sofreu.

E o jovem baiano, com o seu arrebatamento, que espalharam amor, pela sua vida, Leonídia Fraga, Idalina (o sobrenome não foi guardado), Eugênia Infante da Câmara, as irmãs Simy e Ester, filhas de Amzalack, um comerciante judeu, Sinhá Lopes dos Anjos, Cândida de Campos, Maria Garcez, Eulália Filgueiras, Inês e finalmente Agnese Trinci Murri, florentina, separada do marido e que chegara ao Brasil em 1864. Desta última não teve Castro Alves uma palavra de afeto ou um gesto de carinho.

E de tôdas essas qual teria sido a mais amada pelo poeta, qual a que mais teria merecido a sua preferência, ou qual a que mais teria marcado a sua vida?

Difícil uma resposta precisa. O poeta, tudo indica, nada deixou escrito a respeito. Apenas se pode conjecturar.

Possível é que tenha sido Leonídia Fraga. Ela foi a sua primeira namorada, a

“alegre companheira de folguedos descuidados”.

Além do mais era

“bonita, mas tímida, terá sido o amor que atravessou incólume toda a existência do poeta”.

Ela e êle se tornam a ver, aos dezoito anos, quando a celebridade e a glória o tinham alcançado.

E em 1870, quando a morte rondava a vida do poeta, êle e Leonídia se reencontraram, e reviveram passeios antigos, e recordaram as juras de amor, trocadas em outros tempos.

Morto Castro Alves Leonídia casa-se. Pouco tempo depois é tomada pela loucura, guardando, até o seu último instante, o nome do primeiro namorado, do seu querido Antônio Frederico, que jamais esqueceu até que a morte a levou.

Castro Alves foi, assim, um homem predestinado, um homem marcado pelo imponderável.

Em sua vida, embora curta, muito amou e, por muito amar, muito sofreu.

A sua produção poética extravasa entusiasmo, chicoteia uma chaga social, a escravidão, cuja extinção não teve a felicidade de assistir e, ainda hoje, os seus versos são lembrados, repetidos, musicados e cantados por muitos, sem o saberem, pois se o soubessem possível é que julgassem ser isso uma cafonice, ou uma cafonada.

E quantos perguntarão: — Que poesias são essas, de Castro Alves, que foram postas em músicas?

A resposta é encontrada com Almirante, em seu inestimável e precioso arquivo.

Muitas são as músicas que êle catalogou, com as letras de Castro Alves, havendo ainda muitas outras não catalogadas.

Lais Falleiros, que pesquisou o arquivo de Almirante, indica as seguintes letras: — *O Poeta e o Caminheiro; Minha Maria é Bonita; O Baile na Flor; Noite de Amor; Mocidade e Morte; Sonho de Boêmia; Boa Noite; Pensamento de Amor; Adormecida; Hebréia; O Coração; Canção do Violeiro; Capricho; Maria; Canção do Boêmio; Hino Patriótico e As Duas Flores*. Ao todo dezessete.

Lais Falleiros ainda refere *Noite de Maio, O Gondoleiro de Amor, Versos para Música* e, dessas letras, cita alguns fragmentos. Aqui, apenas, uma amostra. Ei-la: —

MINHA MARIA É BONITA.

Minha Maria é bonita,
Tão bonita assim não há.
O beija flor quando passa
Julga ver o manacá.

CANÇÃO DE BOÊMIO.

Que noite fria! Na deserta rua
Tremem de medo os lampeões sobrios.
Densa garôa faz fumar a lua;
Ladram de tédio vinte cães vadios.

O GONDOLEIRO DO AMOR.

Teus olhos são negros, negros,
Como as noites sem luar...
São ardentes, são profundos,
Como o negrume do mar;
Sôbre o barco dos amores,
Da vida boiando a flor,
Douram teus olhos a fronte
Do gondoleiro do amor.

Castro Alves viveu o seu tempo. Não quis ser um cavaleiro medieval; não pretendeu ser diferente dos seus contemporâneos e discípulos. Acadêmico de Direito, em meados do século XIX, foi estudante dos meados do século XIX.

Abandonado por Eugênia Câmara, em São Paulo, ficou deprimido, melancólico, desesperado quem sabe lá e foi procurar, nas caçadas nas proximidades da capital paulista, um derivativo para a sua crise de amor.

E, então, aconteceu o pior porque, em uma de suas andanças, feriu, sem o esperar, um pé e, em consequência, o seu estado de saúde se agravou motivado pela tuberculose latente de que era portador o poeta, que foi removido para o Rio de Janeiro, onde lhe foi amputado o pé.

Estava o ano de 1869 chegando ao seu fim. Castro Alves delibera regressar à Bahia, onde recuperaria a saúde e cuidaria de editar um livro.

O livro viu êle ser publicado, o único aliás publicado em vida do poeta — *Espumas Flutuantes* —, cujo título foi escolhido por êle mesmo, sugestionado

“pelo espetáculo do mar, num entardecer da Guanabara, quando seu barco partia, levando-o, doente e mutilado, de regresso ao lar”,

onde iria fechar, para sempre, os olhos à vida aos 6 de julho de 1871, em plena mocidade.

E hoje quem vai a Salvador, referem Darwin Brandão e Motta e Silva, em seu livro *Cidade do Salvador*, caminhando pelas ruas da velha capital do Brasil, verificará que,

“mais acima do Seminário de Santa Tereza, está o edifício do Ginásio Ipiranga, onde faleceu Castro Alves, o gênio baiano. Esta é uma das casas queridas do povo da Bahia, que tem no poeta a maior glória. Andar naquela casa é sentir a presença do “Cantor dos Escravos”; é viver a sua luta pela Abolição à frente dos estudantes da Bahia e do Recife; é ouvir seus versos apaixonados para inúmeras amadas. Nesta casa a Bahia viu morrer gênio e seu herói”.

E, graças a Deus, Castro Alves, gênio e herói, ainda está bem vivo no Brasil que, neste ano de 1971, o reverência de norte a sul, de leste a oeste, para honra do povo brasileiro.

BIBLIOGRAFIA.

Austregésilo de Ataíde — *O Jornal*, 6-07-1971; Rio de Janeiro.

Afrânio Peixoto — *Noções de História da Literatura Brasileira*.

Ronald de Carvalho — *Pequena História da Literatura Brasileira*.

Nelson Werneck Sodré — *História da Literatura Brasileira (Seus Fundamentos Econômicos)*.

José Paulo Pae e Massaud Moisés — *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira. Jornal de Letras* — Julho 1971.

Jornal do Brasil — Reportagem, 5-07-1971; Rio de Janeiro.